

da sua inteligência sob o ângulo da arte retórica, seja esta espontânea seja tecnicamente elaborada. Procura então responder a questões fundamentais, que correspondem a outras tantas funções daquela: como pensar em ação? como exprimir as próprias emoções? como contar histórias? como criticar ou suspender os juízos? como decidir? como julgar? Em modo de conclusão E. Danblon explora a tese da retórica como arte de tornar humano o mundo, tendo em vista não só o quotidiano das nossas vidas, mas prestando particular atenção as campos político, jurídico e social. Ela pugna, enfim, por uma razão retórica plena e inteira.

JORGE COUTINHO

DE VRIES, Hent, **Religion et violence. Perspectives philosophiques de Kant à Derrida**, coll. « Philosophie et Théologie », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2013, 536 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-09900-4.

O autor deste ensaio – detentor da «Russ Family Chair» das Humanidades» na Universidade Johns Hopkins – parte de uma constatação que se lhe afigura historicamente verificada: não há violência sem (uma parte de) religião; não há religião em (uma parte de) violência» (p. 47). No fundo, as coisas são assim porque a religião implica sempre relação a «um certo Outro», escapando por isso, ao menos em parte, à autonomia humana e implicando, como consequência, que a religião «representa o outro – o Outro – da violência» (ibid.).

O tema ganha particular interesse neste tempo em que se multiplicam os debates sobre o multiculturalismo, a cidadania, a imigração e a democracia, que têm

por detrás de si um «postulado tácito»: a génese moderna e a transformação contemporânea da esfera pública andam ligados à mudança do papel sociopolítico e cultural desempenhado pela religião e a concepções inerentes sobre coisas como a liberdade de expressão e a tolerância. O autor propõe-se, no seu ensaio, a bem da própria religião, «demarcar e circunscrever rigorosamente o motivo de um certo *horror religiosus*» (p. 51).

O estudo de De Vries começa precisamente por Kant, que na sua conhecida obra *A religião nos limites da simples razão* procede à denúncia de quatro fundamentais irracionalismos de teor religioso: fanatismo, superstição, erro e feitiçaria. São quatro desvios ligados à religiões históricas, com as respetivas Igrejas, e às seitas que se lhes opõem, as quais jamais chegam a refletir a Igreja invisível (ou ideal) sem a caricaturar. Como quer que Kant seja lido e compreendido, a verdade é que ele «fornece termos críticos, recursos argumentativos e uma imagética vigorosa para analisar com sucesso a cultura contemporânea» (p. 50).

O primeiro dos quatro capítulos do livro é consagrado à análise de alguns passos da obra de Derrida *Do direito à filosofia*, obra em que este pensador, relendo de Kant a obra atrás citada e também *O conflito das faculdades*, se debruça sobre a desconstrutibilidade teórica e prática da instituição moderna, com particular incidência sobre a instituição universitária. O filósofo de Königsberg pugna aí pelos direitos da razão e pela consequente liberdade de pensamento e de expressão, ao mesmo tempo que denuncia o «mal radical» (*das radikal Böse*), assumido por Derrida como a absoluta pervertibilidade. De Vries considera importante a releitura das duas referidas obras de Kant para a compreensão de muitas coisas do

mundo contemporâneo, no que se refere ao reto entendimento do espaço público, da religião em relação ao mesmo, do multiculturalismo, etc.

O segundo capítulo explora uma lógica de responsabilidade e irresponsabilidade correspondente às reflexões anteriores sobre o mal radical e sobre a tensão entre teologia filosófica e teologia bíblica, bem como entre «religião moral» e religião revelada. Como ponto de partida o autor assume a resposta de Kierkegaard ao paradigma kantiano, tendo como referencial a leitura que Derrida faz de *Temor e tremor*.

O terceiro capítulo centra-se no exame da noção de palavra mística, de Michel de Certeau, bem como na sua ideia de uma inevitável cólera divina. De Vries considera que este autor confirma a correspondência oculta entre, por um lado, os escritos de Derrida sobre a instituição, a universidade, os *media*, etc., e, por outro, a questão da violência nas suas múltiplas formas.

No último capítulo, o autor, tendo ainda em conta reflexões de Derrida, com referência a Kant e a Lévinas, acaba considerando a religião como «o exemplo privilegiado de abertura [...], uma abertura ao melhor e ao pior» (p. 63). Explora a antinomia hospitalidade / hostilidade. Admite que «a possibilidade do pior é [...] a condição do melhor» (p. 64).

Estamos em face de um texto denso de pensamento, muito minucioso ou analítico no labor interpretativo dos autores que alimentam a reflexão do autor do livro, um livro em que procura ir o mais possível até ao fundo do problema e em que aporta efetivamente novas luzes sobre essa relação difícil e paradoxal entre religião e violência. Com uma vasta bibliografia e um índice de autores, nas páginas finais.

JORGE COUTINHO

GILBERT, Jacques Athanase, **Les variations de l'imitation. Une poétique de l'apparaître**, coll. « La nuit surveillée », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2013, 424 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-09730-7.

O autor deste estudo é docente e investigador na Universidade de Nantes, com formação simultaneamente literária e filosófica. Trabalha especialmente as relações entre poética e representação. O que aqui constitui o seu objeto de investigação são, exatamente como sugere o título, as variações da imitação, desde a *mimésis* grega (platónica e aristotélica) à imitação de Jesus Cristo, esta mesma com as suas variações temporais. Se aquela era essencialmente representação, com a sua objetividade e a sua evidência, esta apresenta-se diferente, com a sua incidência na subjetividade e na vida dos discípulos de Cristo: os primeiros mártires imitam-no na sua morte; Francisco de Assis imita-o na pobreza e nos estigmas; a *Imitatio Christi* de Tomás de Kempis, e com ela toda a *devotio moderna*, cultivam-na como compunção interior ou aflição partilhada. Sucedem-se assim o martírio, os estigmas e a compunção como três grandes etapas no processo de interiorização da «imitatio Christi» e seu distanciamento da *mimésis* aristotélica.

Entre a *mimésis* grega e a imitação cristã dá-se pois uma diferenciação profunda, a qual permite estabelecer, a propósito, uma «poética do aparecer». Uma poética que põe em confronto o carácter visível da primeira, face ao carácter invisível da segunda. Esta, sendo essencialmente imitação da morte de Cristo, permanece em si mesma enigmática, furtando-se a toda a tentativa de a reduzir a pensamentos claros e distintos. O autor do ensaio sublinha, por outro lado, no acontecer da imitação